

A LÍNGUA GERAL, LÍNGUA OFICIAL DA AMAZÔNIA NO FINAL DO SÉCULO XVII

A língua geral pertence à família linguística tupi-guarani, do vasto tronco tupi, que abrange várias outras línguas mais afastadas, como o mundurucu ou maué (...). Como seu nome em português está dizendo, a língua geral, além de ser denominada *nheengatu*, "a boa língua", foi uma língua usada de uma maneira geral no Brasil, desde os séculos passados (...). Jamais foi a língua própria de um povo livre antes da Conquista. Ao contrário, foi falada à força por milhares de índios, sejam do tronco tupi, caribe, aruaque, tucano, gê ou pano, agrupados nas aldeias de repartição ou em trabalho nas fazendas.

Pouco a pouco, impõe-se a língua geral que todos falavam: índios mamelucos, brancos e até os escravos negros, pois era a única maneira de comunicar. Mais tarde, são os missionários e os bandeirantes que a espalharam em todos os cantos do país, inclusive nas regiões onde nunca houve índios tupis-guaranis.

Essa "tupinização", além de ser espontânea ou forçada, se tornou legalizada com a Carta Régia de 30 de novembro de 1689: a língua geral era, dali em diante, a língua oficial da Amazônia e devia ser ensinada pelos padres até aos próprios filhos dos colonos portugueses. Naquela época, a língua geral era quase a língua do Brasil.

É justamente essa expansão que será o motivo principal da sua queda. O Prof. José R. Bessa Freire escreve: "*O bom sucesso dela foi tanto que ultrapassou os limites admissíveis pela Coroa Portuguesa, porque começou a afetar a função da própria língua portuguesa, ameaçando o seu destino na região*".

Com a lei do 17 de Agosto de 1758, o Marquês de Pombal, ministro do Rei de Portugal, impediu o uso da língua geral, e no mesmo dia, de todas as línguas indígenas.

É justamente na época pombalina que a língua geral amazônica, nascida no Maranhão e no Pará, atingiu sua extensão máxima na Amazônia, falada do Maranhão até a fronteira com o Peru.

Podemos datar sua introdução no Rio Negro por volta de 1740, pois ainda não era falada em 1720, na época da revolta de Ajuricaba, onde só a língua manao era empregada. A língua geral foi encontrada em 1752 pelo viajante Wallace, falada por alguns tucanos nas aldeias deles, antes de ser, em 1770, a língua que o Ouvidor Sampaio ouviu nas ruas de Barcelos.

Talvez seja a partir desse momento que ela se tenha tornado uma língua materna como todas as outras, falada pelos caboclos. Talvez também seja a partir daquela época que ela emprestou palavras às outras línguas indígenas.

A partir da segunda metade do século XVIII, o recuo foi irreversível, da costa até rio acima. No início do século XIX o Frei Maranhão diz que a língua geral não é mais falada em São Luís. Em 1876, o General Couto do Magalhães diz que ela está-se retirando de Belém. Em 1884, Henri Coudreau nota que ela ainda é falada pelos caboclos do Amapá.

Mesmo que provavelmente tenha sido a língua da luta dos Cabanos (1835-1857), Alfredo da Mata, no início do século XX, verifica que ela é menos empregada nas ruas de Belém.

A lei pombalina não foi o único fator responsável pelo recuo da língua geral. Com efeito, a partir daquela época, os colonos portugueses e, mais tarde, os brasileiros brancos, não a ensinaram mais aos seus filhos, impedindo-a, desta forma, de se tornar a língua da classe alta. Outro fator do seu recuo, pelo menos no Solimões e no alto Amazonas, foi a chegada, a partir de 1870, de milhares de migrantes nordestinos em busca da borracha e, depois, de terras novas, e que falavam somente português. Em 1908, o Padre Tastevin escreve que, no Solimões, a língua geral já é "*agonizante e desprezada*". Por volta de 1930, a língua geral já não é mais a língua de Manaus, exceto na Rua dos Barés.

Hoje, o uso comum e generalizado do *nheengatu* desapareceu de Maués, do baixo Purus, de Tefé, onde só alguns velhos e velhas são capazes de falá-la. Em Tabatinga, enfim, ouve-se a língua ticuna ao lado do português.

Só fica a bacia do Rio Negro. Só nessa região que nunca foi povoada por nações tupis, é possível ainda ouvir-se falar a língua geral. Rio abaixo, somente se encontram núcleos familiares espalhados. De Barcelos até a fronteira venezuelana, a densidade aumenta. Na terra baniwa, as comunidades são bilíngues, *nheengatu* / baniwa. No rio Uaupés, os tucanos falam a língua geral de uma maneira individualizada e só para seus usos comerciais.

De qualquer maneira, o nheengatu é falado por numerosos caboclos e índios, seja como língua materna, seja como língua franca ao lado do português. A língua nheengatu, juntamente com o baniwa e o tucano, acabam de ser oficializadas no município de São Gabriel da Cachoeira. São as primeiras línguas indígenas a serem oficializadas ao lado do português no Brasil. Um exemplo a ser seguido.

(In *Pequeno Dicionário da Língua Geral*, de Françoise Grenand e Epaminondas Henrique Ferreira)